

as crianças da família tinham transferido suas fantasias para o que viaam nas telas dos celulares dos pais. Talvez ela estivesse apegada à banalidade mesma daqueles gestos, ao fato de que todas as pessoas que ela conhecia achavam que nada importante poderia sair daquela obstinada perda de tempo. Foi um comentário de seu irmão que lhe alertou sobre a banalidade, ela simplesmente rejeitando a atitude que fazia a família colecionar a vida por um momento.

PROGRAMA ARTE ATUAL

da [banalidade]

ANA ELISA EGREJA

CASELA

JULIA KATER

volume 1

da banalidade - volume 1

Ana Elisa Egreja

Com princípios realistas, as pinturas de Ana Elisa Egreja seduzem o olhar para ser ludibriado em um jogo ilusório familiar, como na apresentação de um mágico circense. Rara na arte de hoje, sua minuciosa técnica pictórica é comumente associada a momentos históricos da arte até o século XIX ou mesmo ao saber um pouco brega, um pouco nostálgico das aulas de pintura para diletantes, com um gosto comum, banal, quase vulgar no modo como saboreia cores, texturas e luzes.

Em sua produção recente de obras de pequeno formato (estudos de naturezas mortas contemporâneas), a artista se demonstra consciente do estranhamento que promove, oferecendo a si mesma e ao público oportunidades concentradas de prazer e dúvida. Sem poder resolver o encontro com essas obras por uma separação entre alta e baixa cultura, boa e má pintura, arte e espetáculo, o espectador se vê desarmado diante de bromélias exuberantes, toalhas estampadas, cerâmicas populares, caveiras anacrônicas, berinjelas inesperadas, flores delicadas – todas representadas como sugestões cromáticas deformadas pelas retículas dos vidros “fantasia”, como são nomeados pela indústria esses baratos materiais.

